

CENTROS DE ATENDIMENTO DA AÇÃO LACANIANA

Marcus André Vieira

Referência:

Vieira, M. A. Centros de atendimento da ação lacaniana. *Opção Lacaniana*, n. 51, São Paulo, EBP, 2008.

1. Ação lacaniana

Desde *Monty Python* sabemos como é difícil hoje levar a sério a própria idéia da busca pelo sentido da vida. O mesmo vale para as figuras do guia que nos levaria até ele e que davam ao analista um apoio importante para o início de uma análise. Seja o grande doutor, o intelectual ou o mestre espiritual, nenhum deles mantém sua posição de relativa exceção em uma sociedade em que tudo está à venda e mesmo o Dalai Lama vende best-sellers.

Nossos centros de atendimento respondem diretamente a este efeito de eclipse da atopia, disto que costumamos chamar de extraterritorialidade do analista. A questão que eles encampam é: como dar lugar à extimidade do analista, que é a do seu objeto, sem poder se apoiar na crença partilhada de que existem coisas sagradas, fora do alcance? É neste contexto que J. A. Miller introduz a expressão “**ação lacaniana**”, como aquilo que responderia a essa dificuldade ao dar conseqüências para o ato analítico no plano macro da sociedade.¹

2. Um “novo ambiente”

A EBP responde “presente” a esse convite da ação lacaniana que os CPCTs vêm materializar. Não é de estranhar, que uma Escola tão marcada pela pluralidade criasse formas as mais variadas dessa resposta. Não é privilégio dela, pois em toda América as mais variadas formas de trabalho também constituem este mosaico. Por conta da minha atual função como diretor, me dediquei a um panorama dos centros EBP.²

A multiplicidade é incontornável. A EBP conta atualmente com sete centros: três em São Paulo, dois no Rio (mais uma iniciativa acaba de iniciar seu trabalho), um em Minas, outro na Bahia. Me restringi aqui às quatro Seções de base. As duas em formação, Pernambuco e Santa Catarina, preparam seus projetos ou afinam seus trabalhos em andamento, assim como as Delegações. A melhor maneira de traduzir a impressão que causa este panorama é a do relatório do Conselho no *Correio*: “Os centros de atendimento compõem um novo ambiente em torno da Escola”.

3. Dispor o díspar

Neste ambiente as experiências são incrivelmente distintas. Os centros de Minas e Bahia foram criados a partir das instâncias da Escola e Instituto. Na Bahia, por exemplo, o Conselho da Seção é o conselho do CPCT. No extremo oposto, encontram-se iniciativas relativamente autônomas de membros da Escola que foram pouco a pouco sendo adotadas por nossa comunidade como referência. Alguns centros acabam de iniciar seu atendimento, outros já funcionam há vários anos. O modo de trabalho também segue essa dispersão criativa. Alguns recebem seus pacientes em uma rede de consultórios, outros na sede, outros ainda em ambulatorios da rede pública e alguns atendem em grupo. Nem todos têm, como premissa, um tempo fixo de tratamento ou a gratuidade, mas quase todos têm em vista um curto espaço de tempo para o trabalho e uma noção bastante ampliada de pagamento. A função “formação” também assume perfis variados. Alguns apostam na pesquisa e na casuística, outros na

supervisão individual ou em cartéis, outros na distinção entre consultas e tratamento, sendo as consultas e a supervisão garantidas pelos membros da Escola.

Esta pluralidade obriga à tentativa arriscada de buscar o uno no plano do conceito e a pensar: qual seria o horizonte comum dos centros. Não pude escapar disso.

4. Três aspectos do CPCT como ato

O primeiro passo, creio, é associar, à exigência da *ação* lacaniana, o que responde a ela e que poderíamos chamar de *ato* do CPCT. “Gratuidade” e “tempo limitado” é como o enunciamos, em nosso meio. Estes dois aspectos, mais evidentes, não poderiam ser situados, porém, sem um terceiro, o tema da “porta aberta”, a idéia de que se atende a todo aquele que chega (a possibilidade, para qualquer um, de um encontro, não significa que estamos no regime de um tratamento para todos. Todos verão alguém, mas nem todos viverão o encontro em que apostamos. Essa contingência é fundamental, pois senão como distinguir nossa oferta da proposta de acesso universal, do atendimento do SUS por exemplo? Afinal, a psicanálise não funciona em um regime de direito ao acesso, o acesso ao analista se conquista.³

Isso posto, o que têm em comum estes três aspectos do CPCT?

5. Do pagamento

Associar ato analítico e pagamento é uma intervenção de Freud sobre o universal do amor ao próximo. O analista, ao se colocar, cobrando seus honorários, fora do laço fraterno em que impera o ciclo do amor e da dívida, permite a seu analisante abrir-se a uma presença incongruente com o universal do amor e que sob este costuma se ocultar.⁴ O importante é o que visa essa disposição freudiana: permitir um encontro com este gozo fora do laço, um real que rompe com o padrão e promove o singular.

6. Do tempo

Quanto ao tempo, a intervenção de Lacan é célebre. Ele considera mais em acordo com a experiência freudiana um tempo variável, até mesmo acelerado.⁵ O importante novamente é o objetivo: incidir sobre o solo comum de um tempo tido como eterno, eterno porque concebido como um espaço métrico, que comporia, por exemplo, a sessão ideal do obsessivo, disposta “de fora” e por isso sem surpresas. A intervenção que constitui essa urgência especial da sessão visa propiciar a “*emergência* de um real”. Com a urgência destaca-se, justamente, a radical heterogeneidade, aqui e ali, de uma espécie de “atemporal” em nossas vidas. Como destaca Silvia Tendlarz (a partir de Mauricio Tarrab), no *Correio 57*, ao apresentar *Pausa*, trata-se da insistência do trauma como aquilo que não se elimina na constituição da vida subjetiva. Da emergência, a partir da repetição, de um trauma que, no entanto, não está na história. Não está nela como espaço métrico. Está fora (antes) dela. Não aconteceu e por isso exige sempre se reinscrever, como um real que volta sempre ao mesmo lugar. Neste sentido, o real pode se revelar como motor, alimento para existência, em vez de esmagamento subjetivo.⁶

7. Do espaço

Com relação ao espaço a chave talvez seja a noção de ex-sistência, de como “produzir” essa ex-sistência real do inconsciente e a partir de que meios.⁷ Antes, enfatizei no início,

contávamos com idéia de que havia espaços e coisas fora de alcance. Era o que permitia que instalássemos sem muita dificuldade um ambiente “virtual” na sessão, fora da vida. Era uma pequena trapaça analítica, pois a realidade histórica era ali retomada justamente para que em suas variações e redescritões destacasse, na vida, um invariável, o invariável do real. Agora, porém, este espaço virtual fora da vida, é de difícil acesso porque a própria vida se virtualizou (incluindo aí a realidade coletiva, cf. Matrix).

8. Outro Outro

Perdoem-me tanta digressão, Mas ela talvez nos permita melhor pensar o ato do CPCT em nosso meio. Antes ainda é preciso considerar como a oferta do CPCT retoma estes três aspectos da sessão analítica em um contexto que não é mais exatamente o de Freud e Lacan. O CPCT incide sobre um outro Outro. Retomando cada um deles:

- A **gratuidade** intervém sobre o “*No free meal*” generalizado de nossos tempos, expressão tornada paradigmática por J. A. Miller. Em um mundo em que nada é de graça e que o dito “todo homem tem seu preço”, tem verificação real, suspender não apenas o dinheiro, mas eventualmente a própria noção de pagamento pode nos abrir a novos horizontes. Isso é uma proposta radical: em vez de apenas buscar o modo como substituir o pagamento monetário por outros meios, ela torna possível a questão: até que ponto pode-se materializar um resto, que se torne causa, sem precisar atravessar primeiro o todo o ciclo, da fantasia, do amor e a dívida?

- O **tempo limitado**, por sua vez, incide sobre a aceleração de hoje, da exigência constante de um “aqui e agora” do gozo. Essa aceleração, apesar de bem distinta da aceleração da sessão lacaniana, a da pressa do ato, torna menos eficaz, por si só, o encurtamento do tempo da sessão, ou mesmo a variação da duração. A questão se torna então: facilita ou dificulta que possamos dar lugar ao atemporal que nos interessa, deixando parcialmente de lado um certo uso lacaniano do tempo?

- Finalmente, o analista “**na cidade**” intervém não mais sobre um mundo dividido entre mais e menos civilizados, mas sobre a galáxia infinita das minorias globalizadas, das comunidades estilo *Orkut*, todas, em tese, com o mesmo direito à seu “diferencial”. Estar ali “na rua”, para quem vier, coloca a questão: podemos produzir a bolha real do inconsciente, o estranhamento da singularidade, em meio à essas novas formas de cola grupal? De que modo, por brotar assim, quase em praça pública, o inconsciente pode estabelecer um novo elo de conexão com o Outro fora dos coletivos do ideal e do consumo?⁸

O essencial é estimar, neste novo contexto, se nossos centros, a cada cidade e a cada experiência, são capazes de pôr em ação o objeto da psicanálise: tanto um gozo fora das trocas, quanto uma marca que se repete ou um espaço ex-sistente ao ego.

9. Do encontro com o analista

Sintetizamos estas três vertentes da ação lacaniana do analista cidadão na expressão “encontro com um analista”. Espero que a tripartição ajude a afastar a perigosa superposição absoluta entre o analista, mais função que indivíduo, e a pessoa que atende. Assim como o encontro é contingente o analista também. É sempre bom lembrar que somos analistas às vezes, olhando para trás e não como carteira de identidade, ainda mais porque muitas vezes aquele que atende no centro está longe de se dizer analista. Definir o objeto dessa prática nos centros é, por isso, decisivo. Várias são as indicações: é preciso “localizar a fixação de gozo de cada falasser” ou o “problema libidinal”, ou “fazer da demanda um nome, um novo sintoma, produto do encontro com o analista” para “encontrar, se possível, o nome da posição de desamparo”, para

“captar o discurso do qual (o sujeito) caiu ou perdeu o pé” afim de lhe oferecer uma nomeação.⁹ Eles indicam de modos variados como o encontro com o analista passa pelo encontro do sujeito com algo singular de seu sintoma.

10. Na EBP

Haverá alguma especificidade, nisso tudo, do Outro brasileiro? Por hora a EBP parece dizer: “nossa *aposta em ato* segue o aspecto constelado da inventiva de seus membros e instâncias”. Temos a aprender com nossos vizinhos. Se alguém pode ensinar sobre constelação é a NEL, por isso destaco a questão de Alicia Arenas no *Correio*: o que fará a função de enlace para os centros? Neste sentido, qual seria o próximo passo? Podemos imaginar que estes centros possam funcionar, como propõe Laurent, como “dispositivos dispersos porém articulados”?. A figura da rede parece ser o melhor desenho para uma conformação institucional destas iniciativas e é o que está em curso segundo a orientação da AMP. Desde que ela possa “buscar e encontrar em cada lugar o bom enlace”, sobretudo entre Escola, Instituto e Centro.¹⁰

11. Política precária do sintoma

Isso só será possível se conseguirmos, como neste Encontro, produzir, destaca Laurent, o bom matema, provisório, aqui e ali, do que fazemos. Isso só será possível, também, se nossa política estiver à altura de nossa clínica. Nela, em lugar de restaurar o laço que se rompeu, ou que ameaça romper-se, visamos dar lugar, naquilo que o fixava até então, a seu ponto sintomático de singularidade, para fazer com que, com ele, o sujeito possa proceder a um novo enlace.

No plano mais “macro” de nossa política, é bom lembrar o quanto este “núcleo real do sintoma”, como dizemos, é bem mais “caroço da fruta”, desprezado e desprezível, do que a expressão permite exatamente supor. Se temos algo a fazer com a precariedade de hoje é porque nosso objeto é essencialmente precário.

Precário mas não menos precioso. Afinal, com ele pode-se forjar um laço com o Outro sem que seja pela renúncia ao gozo paterno, ou pelas obrigações consumistas do supereu, o que não modifica o fato de que nossa política é bem mais a do que rateia e falha (*ça rate*).¹¹

12. Precariedade

Talvez o Brasil tenha algo a dizer sobre a precariedade. No mínimo lembrar sempre que o precário, do ponto de vista no analista, deve ser sempre “de dentro para fora”, daquilo que define o laço de alguém com o Outro, e nunca de uma população. Supor que as comunidades da favela, com honrosas exceções, seriam comunidades de precariedade simbólica é assumir um falso silogismo (os índios americanos estão morrendo, este homem é um índio americano, portanto este homem está morrendo). Isto é abrir a porta a velhos fantasmas eugenistas. Sem dúvida ali há menos, menos dinheiro, esgotos e água encanada, mas não é isso que define o minimalismo da clínica dos centros. Ao contrário, ela põe em destaque exatamente a clínica da precariedade, como precariedade do analista. Afinal, uma clínica que prescinde da intervenção freudiana sobre o pagamento, o tempo e o espaço é ao máximo desprovida de meios com relação a seu objeto. Essa imposição, é nossa vantagem produz uma exigência especial de inventiva com os meios de bordo. É por ser o “primado da prática”, como Jesús Santiago define a Orientação lacaniana, que nossa clínica pode se dar ao luxo de experimentar esse minimalismo de seus meios e a radicalidade de sua ação para examinar os efeitos sobre

ela mesma do que realiza nestas condições, nisto que J. A. Miller definiu como “Clínica pragmática” de nossos centros.

12. Ao que virá

A Escola deve ser “permeável” a estes efeitos, afirma o relatório do Conselho. Isso inclui pensar, como sugere Romildo (Correio, 57, p. 103), algo que está suposto em nosso centros. É que uma parte da formação do “novo analista” será dada pelo social e não integralmente pela Escola. Ela não vem trazer a boa nova da psicanálise finalmente massificada. A Escola tem o que aprender com o que se realiza nos centros. É esse efeito da psicanálise aplicada sobre a pura, não apenas nos conceitos, mas também nas práticas, que leva inclusive Bernardino a falar de “empuxo à reanálise” como efeito do trabalho nos centros.

Que seja. Nosso Outro exige e precisa, pois a virtualização da realidade de hoje em nosso meio amplifica uma terrível violência de base. Essa virtualização não é válida apenas para quem tem computador. Basta conferir a brincadeira das crianças no documentário *Falcão*, mimetizando a violência do tráfico quase sem diferença notável, para perceber que nossos dias acentuam em nosso meio o apagamento enorme da diferença entre vida e morte, em vidas em que ela já não conta muito.

Colocar em ação o objeto da psicanálise, peça avulsa, como destacou várias vezes neste encontro Eric Laurent, não somente é queda das identificações, mas ao mesmo tempo reconexão. Ela pode não resolver nenhum problema social ou financeiro, mas traz uma certeza, às vezes da simples lembrança do cheiro de um pão francês fresquinho que se perdera, pequeno e divino detalhe, que pode fazer valer (tanto nos consultórios quanto na rede de cuidados ou nas favelas) um real singular, fora do virtual, na hora em que o pior parece a única escolha.

O desejo do analista (aquilo que nem sempre sabemos bem dizer o que é mas que sabemos quando produz efeitos) prosseguirá fazendo seu trabalho. Cabe-nos a partir dele demonstrar que *Monty Python* tinha razão, mas que afinal, não é preciso achar o sentido da vida, para dar um sentido a ela. É o que espero e que sei que apenas uma comunidade viva como a nossa pode ambicionar.

Obrigado.

10 que poderia, juntamente com o ato analítico tal como Lacan o definiu, ganhar lugar como ação psicanalítica, ou mesmo, ousaria dizer, como ação lacaniana, que pudesse propiciar, deste ato, suas conseqüências na sociedade? (...) Este é certamente o campo que de agora em diante se abre para nós. « ...em que medida e qual sentido é preciso dar à subtração da psicanálise à sociedade? Que sentido dar à posição de extimidade do analista? É sem dúvida uma posição de exterioridade em relação ao significante mestre, é sem dúvida uma posição de exterioridade em relação às exigências da justiça distributiva, mas todavia essa posição não é sem dúvida sustentável em nenhum regime social. Por este fato mesmo, a questão é saber o que pode ao lado do ato psicanalítico, tal como Lacan o definiu, tomar lugar como ação psicanalítica ou mesmo, ousar dizer, ação lacaniana, que dá na sociedade a este ato psicanalítico as conseqüências que ele pode ter. E aí, deve-se sublinhar que ao mesmo tempo que ele coloca o acento sobre o apartheid psicanalítico, Lacan não cessa de deplorar que seu ensino não teve na sociedade as conseqüências que ele desejava. É sem dúvida este campo aí que agora nos é aberto.» Miller, J. A. “Um Esforço de poesia” Curso da Orientação lacaniana, (lição 5/3/2003). Inédito.

2 Baseei-me no relatório do Conselho, publicado no número especial do *Correio da EBP*, n. 57, dedicado a esse tema, organizado na gestão de Iordan Gurgel, para trazer a vocês um panorama desta florescência de centros de atendimentos em nossa comunidade nos últimos anos.

3 Como bem sintetizou Romildo do Rego Barros em discussão no Rio, em um espaço criado pela Diretoria da Seção para fazer convergir as iniciativas dispersas de nossa comunidade na cidade.

4 Cf. Lacan, J. *O Seminário Livro 2*, Rio de Janeiro, JZE, 1985, pp. 241 et seguintes.

5 Como desenvolveu recentemente nossa comunidade (sob a impulsão, na América, de Graciela Brodsky), sob o título “a lógica da sessão curta”.

6 cf. Lacan, J. *O Seminário Livro 11*, Rio de Janeiro, JZE, 1988, 55 e seguintes.

7 Para a noção de ex-sistência cf. Miller, J. A. “A ex-sistência”, *Opção lacaniana*, n. ??

8 Não pensemos que em nossos tempos não há lugar para o inconsciente: O exemplo do Orkut é paradigma por produzir egos customizados. Apesar disso, sempre há lugar para estranheza e a divisão subjetiva. Como uma amiga minha que tanto está na comunidade “Eu prefiro Mac Donald's ao Bob's” quanto na “Eu prefiro o Bob's ao Mac Donald's”.

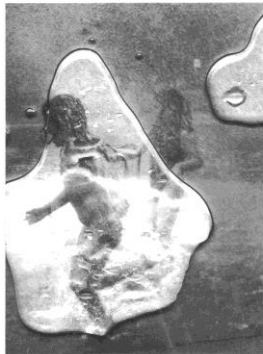
9 Aqui encontramos várias indicações no *Correio 57*. Hugo Freda e Bernardino Horne ou ainda de Ana Aromi (apresentando o norte do trabalho do CPCT de Barcelona) destacam como deve-se “localizar a fixação de gozo de cada falasser” (Cottet e Bernardino apud Iordan), ou o “problema libidinal” (Laurent apud Simone Souto). Fazer da demanda um nome, um novo sintoma, produto do encontro com o analista (Hugo Freda, p. 45) para “encontrar, se possível, o nome da posição de desamparo” (Bernardino Horne, p. 44).

10 Como Gorostiza propõe para o movimento dos centros, (cf. *Correio*, 57, p. 11).

11 J. A. Miller, apud Solano, p. 26 e Gorostiza, p. 11.

OPÇÃO LACANIANA

Revista Brasileira Internacional de Psicanálise



OPÇÃO LACANIANA

ISSN 1519-5128

Brasil: Rua Albuquerque Lins 902/212 01230-000 São Paulo SP Fax: (5511) 3826 9731

Opção Lacaniana é uma revista psicanalítica brasileira internacional
Editada por Edições Eolia

Colaboração: Fundação do Campo Freudiano e Associação Mundial de Psicanálise
Acordos com "La Lettre Mensuelle" da École de la Cause freudienne

Integra a rede Scilicet III que reúne ao lado de Ornicar? as seguintes publicações:

- Clique, Belo Horizonte - Cuadernos de Psicoanálisis, Bilbao - El Psicoanálisis, Madrid
- Freudiana, Barcelona - La Cause Freudienne, Paris - La Psicoanalisi, Roma - La Psychanalyse,
Atenas - Mental, Paris-Bruxelas - Opção Lacaniana, São Paulo - Quarto, Bruxelas

FUNDADORES Antonio Beneti, Angelina Harari, Bernardino Horne, Luiz Henrique Vidigal

DIRETOR Jacques-Alain Miller

REDAÇÃO Angelina Harari

ASSISTENTES DA REDAÇÃO Mônica Bueno de Camargo e Cynthia N. de Freitas

COLABORAÇÃO Heloisa Caldas (Tradução), Jovita Carneiro Lima, Rosa Maria Rodrigues dos Santos,
Sílvia Pessoa, Marcus André Vieira (Clássicos) e Teresinha N. Meirelles do Prado (Distribuição)

EDITORIAÇÃO: Teresinha N. Meirelles do Prado

PRODUÇÃO GRÁFICA Produtores Associados (São Paulo)

Os colegas que desejarem receber Opção Lacaniana por correio ou desejarem difundir-la,
podem dirigir-se à Redação (oplacaniana@gmail.com).

Uma leitura do Seminário: de um Outro ao outro

Abril 2008

51

Capa: Sonia Guggisberg

PASSE

- 94 *Mauricio Tarrab*, Entre relâmpago e escritura
101 *Eric Laurent*, Comentário

OS INCLASSIFICÁVEIS

- 103 *Juan Fernando Pérez*, Sobre o conceito de inclassificável nas Escolas
Americanas da AMP
108 *Juan Carlos Indart*, Sobre o que o discurso universitário classifica
111 *Romildo do Rêgo Barros*, A classificação e o seu resíduo
115 *Eric Laurent*, Debate

aCLASSIFICAÇÃO

- 120 *Eric Laurent*, aClassificação

OS NOVOS CENTROS DE TRATAMENTO PSICANALÍTICO

- 131 *Rosa Lagos*, Os novos Centros de Atenção Psicanalítica
135 *Ricardo Nepomachi*, Centros de Atenção Psicanalítica
138 *Marcus André Vieira*, Centros de atendimento da ação lacaniana